

## **O NATAL: UMA FESTA CRISTÃ.**

Em 25 de dezembro, cristãos de todo o mundo se reunirão para celebrar o nascimento de Jesus. Canções alegres, liturgias especiais, presentes embrulhados com cores vibrantes, comidas festivas - tudo isso caracteriza a festa hoje, e em outros lugares temos outras tradições natalinas.

Mas como surgiu o festival de Natal? Como o dia 25 de dezembro passou a ser associado ao aniversário de Jesus? O natal é uma festa pagã? Devemos festejar o natal? Como surgiu o papai Noel? Porque alguns cristãos não celebram o Natal?

Não é de hoje que tem um movimento de cristãos contrários à celebração do Natal<sup>1</sup>. A chamada "festa máxima da cristandade" está sob ataque cerrado de vários flancos e, desta vez, a luta é interna e não contra os ímpios.

Multiplicam-se os textos e os posicionamentos contrários às características eminentemente comerciais do feriado, viés esse que sempre foi um legítimo campo de batalha dos cristãos.

Contudo, paralelo a esse pensamento, ou quase sempre o acompanhando, somos alertados, também, de que o Natal não é nada mais do que um feriado pagão assimilado pela igreja medieval, persistindo no campo evangélico apenas por desconhecimento do seu histórico.

Essa origem, além da exploração comercial, inviabilizaria a sua observância religiosa pelos cristãos, sendo fútil a tentativa de se resgatar o conceito abrigado no desgastado chavão do "verdadeiro sentido do Natal".

A literatura infantil já nos brindou com alguns exemplos de personagens que não gostavam do Natal. Temos Charles Dickens, no livro UM CONTO DE NATAL (teria sido melhor traduzido como Um cântico de Natal), trazendo a história de Ebenezer Scrooge, durante um período de festividades natalinas.

Scrooge era um homem rico, não ligava para ninguém; desprezava as crianças pobres; era avaro e egoísta. Teve, entretanto, um sonho no qual empobrece, modificando sua atitude para com a data. A mensagem de Dickens é que a "essência" do Natal conseguiu derreter aquele coração endurecido.

Outro personagem famoso é o Grinch - da pena do escritor Dr. Seuss, que publicava seus contos em rimas. Ele escreveu a obra Como Grinch roubou o Natal, que virou, anos atrás, um filme com o ator Jim Carey.

A história retrata Grinch como uma criatura mal-humorada que tem o coração bem pequeno. Ele odeia o Natal, pois não consegue ver ninguém demonstrando felicidade.

---

<sup>1</sup> Por Solano Portela. Presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil em Santo Amaro (SP) e mestre pelo Biblical Theological Seminary (EUA)

E, por conta disso, planeja roubar todos os presentes e ornamentos para impedir a celebração do evento em uma aldeia perto de sua moradia.

Para seu espanto, a celebração ocorre de qualquer maneira. A mensagem do autor é que a "essência" do Natal não estava nos presentes ou nos ornamentos, mas transcendia a tudo isso.

Obviamente, aquilo que posso chamar de "movimento dos cristãos contra o Natal" não tem relação com qualquer desses personagens, ou com aquele outro, registrado nas páginas das Escrituras Sagradas, que também odiou o Natal: o rei Herodes, e mais recente o Comunismo; mas, parece que está virando moda termos cristãos contra o Natal.

Além das razões relacionadas com as origens pagãs e a distorção comercial já mencionada, há cristãos que apresentam algumas razões teológicas firmadas em suas convicções do que seria ou não apropriado ao culto e celebrações na Igreja de Cristo.

Alguns puritanos<sup>2</sup> proibiam o Natal, considerando-o muito pagão. O governador Bradford realmente ameaçou os habitantes da Nova Inglaterra com trabalho, prisão ou multas se fossem pegos observando o Natal.

Quando Oliver Cromwell<sup>3</sup> e suas forças puritanas conquistaram a Inglaterra em 1645, juraram livrar a Inglaterra da decadência e, como parte de seu esforço, cancelaram o Natal. Por demanda popular, Carlos II foi restaurado ao trono e, com ele, veio a volta do feriado popular.

Os peregrinos, separatistas ingleses que vieram para a América em 1620, eram ainda mais ortodoxos em suas crenças puritanas do que Cromwell. Como resultado, o Natal não era um feriado no início da América. De 1659 a 1681, a celebração do Natal foi proibida em Boston.

Qualquer pessoa que exibisse o espírito natalino era multada em cinco xelins. Em contraste, no assentamento de Jamestown, o capitão John Smith relatou que o Natal foi apreciado por todos e transcorreu sem incidentes.

Após a Revolução Americana, os costumes ingleses caíram em desuso, incluindo o Natal. Na verdade, o Natal não foi declarado feriado federal até 26 de junho de 1870.

Em 1843, na Inglaterra vitoriana, Charles Dickens publicou sua novela "A Christmas Carol". Tornou-se uma das obras curtas de ficção mais populares já escritas. Embora o livro seja mais uma obra de sentimento do que de Cristianismo, ele captura algo do espírito do Natal.

O rabugento de punho fechado, Ebenezer Scrooge, que exclamou "farsa!" com a menção do Natal, é contrastado com festeiros generosos, como seu sobrinho, Fred, e com os pobres que lutam, simbolizados por Bob Cratchit e Tiny Tim. O apelo do livro a

---

<sup>2</sup> <https://www.christianity.com/church/church-history/timeline/301-600/the-1st-recorded-celebration-of-christmas-11629658.html>

<sup>3</sup> <https://www.history.com/topics/christmas/history-of-christmas>

boas obras e contribuições de caridade virtualmente define o Natal em países de língua inglesa

### **A DATA DO NATAL.**

A Bíblia oferece algumas pistas: as celebrações da Natividade de Jesus não são mencionadas nos Evangelhos ou Atos; a data não é fornecida, nem mesmo a época do ano. A referência bíblica a pastores cuidando de seus rebanhos à noite, quando ouvem a notícia do nascimento de Jesus (Lucas 2: 8), pode sugerir a estação do início da primavera; no frio mês de dezembro, por outro lado, as ovelhas bem poderiam ter sido encurraladas.

No entanto, a maioria dos estudiosos recomendaria cautela ao extrair um detalhe tão preciso, mas incidental, de uma narrativa cujo foco é TEOLÓGICO, em vez de CALENDÁRIO.

As evidências extrabíblicas do primeiro e do segundo século são igualmente escassas: não há menção às celebrações do nascimento nos escritos dos primeiros escritores cristãos, como Irineu (c. 130–200) ou Tertuliano (c. 160–225).

Orígenes de Alexandria (c. 165-264) chega a zombar das celebrações romanas de aniversários de nascimento, descartando-as como práticas “pagãs” - uma forte indicação de que o nascimento de Jesus não foi marcado com festividades semelhantes naquele lugar e época<sup>4</sup>. Isto poderia facilmente nos induzir a dizer que o Natal não era celebrado naquele momento.

Isso contrasta fortemente com as tradições mais antigas que cercavam os últimos dias de Jesus. Cada um dos quatro evangelhos fornece informações detalhadas sobre a época da morte de Jesus.

De acordo com João, Jesus é crucificado assim como os cordeiros pascais são sacrificados. Isso teria ocorrido no dia 14 do mês hebraico de Nisan, pouco antes do feriado judaico começar ao pôr do sol (considerado o início do 15º dia porque no calendário hebraico, os dias começam ao pôr do sol).

Em Mateus, Marcos e Lucas, porém, a Última Ceia é realizada após o pôr do sol, no início do dia 15. Jesus é crucificado na manhã seguinte - ainda, dia 15<sup>5</sup>.

A páscoa foi um desenvolvimento muito anterior ao Natal, foi simplesmente a gradual reinterpretção cristã da Páscoa em termos da Paixão de Jesus. Sua observância poderia até estar implícita no Novo Testamento (1 Coríntios 5: 7–8: “Nosso cordeiro pascal, Cristo, foi sacrificado. Celebremos, portanto, a festa ...”); certamente foi uma festa distintamente cristã em meados do século II, quando o texto apócrifo conhecido como Epístola aos Apóstolos faz com que Jesus instrua seus discípulos a “fazerem comemoração de [sua] morte, isto é, a Páscoa”.

---

<sup>4</sup> Orígenes, Homilia sobre o Levítico 8.

<sup>5</sup> veja Jonathan Klawans, "Was Jesus 'Last Supper a Seder?'" Bible Review , outubro de 2001.

O ministério de Jesus, milagres, Paixão e Ressurreição eram frequentemente de maior interesse para os escritores cristãos do primeiro e do início do segundo século. Mas com o tempo, as origens de Jesus se tornariam uma preocupação crescente.

Podemos começar a ver essa mudança já no Novo Testamento. Os primeiros escritos - Paulo e Marcos - não fazem menção ao nascimento de Jesus. Os Evangelhos de Mateus e Lucas fornecem relatos bem conhecidos, mas bastante diferentes do evento - embora nenhum especifique uma data.

No segundo século, outros detalhes do nascimento e infância de Jesus são relatados em escritos apócrifos, como o Evangelho da Infância de Tomé e o Proto-Evangelho de Tiago<sup>6</sup>. Esses textos fornecem todo tipo de curiosidades, desde os nomes dos avós de Jesus até os detalhes de sua educação - mas não a data de seu nascimento.

O que fica logo evidente que a comunidade cristã primitiva se dividia entre a identificação da data do nascimento de Jesus e a necessidade de celebração litúrgica desse evento.

Por isso a observância geral do dia do nascimento de Jesus demorou a vir. Em particular, durante os primeiros dois séculos do cristianismo, houve forte oposição ao reconhecimento dos aniversários dos mártires, o por isso alguns eram contra a celebração do nascimento de Jesus.

Devido à grande ênfase dada aos mártires, já que a igreja viva suas piores perseguições. Então alguns cristãos começaram a enfatizar que os santos e mártires deveriam ser homenageados nos dias dos seus martírios.

Alguns Pais da Igreja fizeram comentários sarcásticos sobre o costume pagão de celebrar aniversários, e diziam que os cristãos, deveriam festejar o dia dos martírios - seus verdadeiros "aniversários", da perspectiva da igreja.

Finalmente, por volta de 200 D.C, um professor cristão no Egito faz referência à data de nascimento de Jesus. De acordo com Clemente de Alexandria, vários dias diferentes foram propostos por vários grupos cristãos.

Por mais surpreendente que possa parecer, Clemente não menciona o dia 25 de dezembro. Clemente escreve: "Há aqueles que determinaram não apenas o ano do nascimento de nosso Senhor, mas também o dia; e eles dizem que aconteceu no ano 28 de Augusto, e no dia 25 do [mês egípcio] Pachon [20 de maio em nosso calendário] ... E tratando de Sua Paixão, com grande exatidão, alguns dizem que demorou lugar no 16º ano de Tibério, no dia 25 de Phamenoth [21 de março]; e outros no dia 25 de Pharmuthi [21 de abril] e outros dizem que no dia 19 de Pharmuthi [15 de abril] o Salvador sofreu.

Obviamente, havia grande incerteza, mas também isso demonstra o considerável interesse, em datar o nascimento de Jesus já final do segundo século.

---

<sup>6</sup> Veja os seguintes artigos de Revisão da Bíblia : David R. Cartlidge, "The Christian Apocrypha: Preserved in Art," Bible Review , junho de 1997; Ronald F. Hock e David R. Cartlidge, "The Favored One," Bible Review , junho de 2001; e Charles W. Hedrick, "The 34 Gospels," Bible Review , junho de 2002.

O dia 25 de dezembro foi identificado pela primeira vez como a data do nascimento de Jesus pelo erudito, escritor e Historiador<sup>7</sup> cristão; Sexto Júlio Africano<sup>8</sup> (nascido, em A.D 180- Jerusalém e morreu 250) em 221 d.C. e mais tarde tornou-se a data universalmente aceita.

No século IV, entretanto, encontramos referências a duas datas que eram amplamente reconhecidas - e agora também celebradas - como o aniversário de Jesus: 25 de dezembro no Império Romano ocidental e 6 de janeiro no Oriente (especialmente no Egito e na Ásia Menor).

A moderna igreja armênia continua a celebrar o Natal em 6 de janeiro; para a maioria dos cristãos, porém, prevaleceria o dia 25 de dezembro, enquanto o dia 6 de janeiro acabou sendo conhecido como a festa da epifania, comemorando a chegada dos magos a Belém.

Para o Historiador cristão Sexto Júlio Africano sugere que 25 de dezembro se tornou a data do nascimento de Jesus por um raciocínio a priori que identificava o equinócio da primavera como a data da criação do mundo e o quarto dia da criação, quando o sol foi criado, como o dia de Jesus; “a concepção” (ou seja, 25 de março).

25 de dezembro, nove meses depois, tornou-se a data do nascimento de Jesus. Por muito tempo, a celebração do nascimento de Jesus foi observada em conjunto com seu batismo, celebrado em 6 de janeiro.

Outra menção de 25 de dezembro como o aniversário de Jesus vem de um almanaque romano de meados do século IV que lista as datas de morte de vários bispos e mártires cristãos. A primeira data listada, 25 de dezembro, está marcada: *natus Christus in Betleem Judeae* : “Cristo nasceu em Belém da Judéia”.

Agostinho de Hipona<sup>9</sup> (354-420) menciona um grupo local de dissidentes cristãos, os Donatistas, que aparentemente mantinham as festas de Natal em 25 de dezembro, mas se recusava a celebrar a Epifania em 6 de janeiro, considerando-o uma inovação.

Visto que o grupo donatista só emergiu durante a perseguição sob Diocleciano em 312 a.C e então permaneceu obstinadamente apegado às práticas daquele momento no tempo, eles parecem representar uma tradição cristã norte-africana mais antiga.

---

<sup>7</sup> O maior trabalho de Africanus foi *Chronographiai* (221), um de cinco volumes tratado sobre o sagrado e o profano história da Criação (que colocou em 5499 AC) para AD 221. Baseando-se na Bíblia como a base de seus cálculos, ele incorporou e sincronizou cronologias dos egípcios e caldeus, Mitologia grega e história judaica com o cristianismo. Seu trabalho elevou o prestígio do cristianismo primitivo ao colocá-lo em um contexto histórico. Ele também escreveu uma obra crítica sobre genealogias de Cristo, conforme encontrada em Mateus e Lucas.

<sup>8</sup> <https://www.britannica.com/biography/Sextus-Julius-Africanus>.

<sup>9</sup> <https://www.biblicalarchaeology.org/daily/people-cultures-in-the-bible/jesus-historical-jesus/how-december-25-became-christmas/>

Assim, quase 300 anos após o nascimento de Jesus, finalmente encontramos pessoas observando seu nascimento no meio do inverno. Mas como haviam se estabelecido nas datas 25 de dezembro e 6 de janeiro?

Existem duas teorias hoje: uma extremamente popular, a outra menos ouvida fora dos círculos acadêmicos (embora muito mais antiga)<sup>10</sup>.

Uma delas faz uma explicação generalizada da origem desta data é que 25 de dezembro foi a cristianização do “dies solis invicti nati”; (“dia do nascimento do sol invicto”), um feriado popular no Império Romano que celebrava o solstício de inverno como um símbolo do ressurgimento do sol, a rejeição do inverno e o prenúncio do renascimento da primavera e do verão.

Um fato histórico importante, foi que a data de 25 de dezembro se tornou amplamente aceito (221) como a data do nascimento de Jesus; bem antes de Constantino (325); somente séculos mais tarde (Sec XII) alguns escritores cristãos passaram a fazer uma aplicação alegórica entre o “renascimento do sol invicto” e o nascimento do Filho, o verdadeiro sol da Justiça.

A teoria mais divulgada sobre as origens da (s) data (s) de Natal é que ela foi emprestada de celebrações pagãs. Os romanos tinham seu festival de Saturnália no meio do inverno no final de dezembro; povos bárbaros do norte e do oeste da Europa mantinham feriados em épocas semelhantes.

Para culminar, em 274 d.C, o imperador romano Aureliano estabeleceu uma festa do nascimento do Sol Invictus (o Sol Invicto), em 25 de dezembro. O Natal, argumenta-se, é na verdade uma derivação desses festivais solares pagãos.

De acordo com essa teoria, os primeiros cristãos escolheram deliberadamente essas datas para encorajar a difusão do Natal e do Cristianismo por todo o mundo romano: Se o Natal parecesse um feriado pagão, mais pagãos estariam abertos tanto para o feriado quanto para o Deus cujo nascimento ele celebra.

Apesar de sua popularidade hoje, essa teoria das origens do Natal tem seus problemas. Não é encontrado em nenhum dos escritos cristãos antigos, para começar.

Os autores cristãos da época notam uma conexão entre o solstício e o nascimento de Jesus: o pai da igreja, Ambrósio (c. 339-397), por exemplo, descreveu Cristo como o verdadeiro sol, que ofuscou os deuses caídos da velha ordem.

Mas os primeiros escritores cristãos nunca sugeriram qualquer engenharia recente de calendários; eles claramente não acham que a data foi escolhida pela igreja. Em vez disso, eles vêem a coincidência como um sinal providencial, como prova natural de que Deus escolheu Jesus entre os falsos deuses pagãos.

---

<sup>10</sup> Estudiosos da história litúrgica no mundo de língua inglesa são particularmente céticos quanto à conexão com o “solstício”; ver Susan K. Roll, “The Origins of Christmas: The State of the Question,” em *Between Memory and Hope: Readings on the Liturgical Year* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 2000), pp. 273–290, especialmente pp. 289–290.

Só no século 12 é que encontramos a primeira sugestão de que a celebração do nascimento de Jesus foi deliberadamente marcada para a época das festas pagãs.

Uma nota marginal em um manuscrito dos escritos do comentarista bíblico siríaco Dionysius bar-Salibi afirma que, nos tempos antigos, o feriado de Natal foi na verdade alterado de 6 de janeiro para 25 de dezembro, de modo que caísse na mesma data do feriado pagão do Sol Invictus<sup>11</sup>.

Nos séculos 18 e 19, os estudiosos da Bíblia estimulados pelo novo estudo de religiões comparadas agarraram-se a essa ideia<sup>12</sup>

Eles alegaram que, como os primeiros cristãos não sabiam quando Jesus nasceu, eles simplesmente assimilaram a festa pagã do solstício para seus próprios propósitos, alegando que era a época do nascimento do Messias e celebrando-a de acordo.

Estudos mais recentes mostraram que muitos dos adereços modernos do feriado refletem costumes pagãos emprestados muito mais tarde, à medida que o cristianismo se expandiu para o norte e o oeste da Europa.

A árvore de Natal, por exemplo, foi associada às práticas druídicas da Idade Média tardia. Isso apenas encorajou o público moderno a supor que a data também deve ser pagã.

Existem problemas com essa teoria popular, no entanto, como muitos estudiosos reconhecem. Mais significativamente, a primeira menção de uma data para o Natal (c. 200) e as primeiras celebrações que conhecemos (c. 250–300) ocorreram em um período em que os cristãos não estavam recorrendo muito a tradições pagãs de caráter tão óbvio.

É verdade que a fé e a prática cristã não foram formadas isoladamente. Muitos elementos primitivos do culto cristão - incluindo refeições eucarísticas, refeições em homenagem aos mártires e muitas das primeiras artes funerárias cristãs - teriam sido bastante compreensíveis para os observadores pagãos.

Ainda assim, nos primeiros séculos, a minoria cristã perseguida estava muito preocupada em se distanciar das observâncias religiosas pagãs públicas mais amplas, como sacrifícios, jogos e feriados. Isso ainda era verdade até as violentas perseguições aos cristãos conduzidas pelo imperador romano Diocleciano entre 303 e 312.

Isso mudaria somente depois que Constantino se converteu ao Cristianismo. De meados do século IV em diante, encontramos cristãos adaptando e cristianizando deliberadamente os festivais pagãos.

Um famoso defensor dessa prática foi o Papa Gregório, o Grande, que, em uma carta escrita em 601 EC a um missionário cristão na Grã-Bretanha, recomendou que os

---

<sup>11</sup> Um comentário sobre um manuscrito de Dionysius Bar Salibi, d. 1171; ver Talley, *Origins*, pp. 101-102.

<sup>12</sup> Proeminente entre eles estava Paul Ernst Jablonski; sobre a história da bolsa de estudos, ver especialmente Roll, "The Origins of Christmas," pp. 277-283.

templos pagãos locais não fossem destruídos, mas convertidos em igrejas, e que os festivais pagãos fossem celebrados como festas de mártires cristãos.

A essa altura, o Natal pode muito bem ter adquirido alguns ornamentos pagãos. Mas não temos evidências de cristãos adotando festivais pagãos no século III, quando foram estabelecidas datas para o Natal. Assim, parece improvável que a data tenha sido simplesmente selecionada para corresponder aos festivais solares pagãos.

A festa de 25 de dezembro parece ter existido antes de 312 - antes de Constantino e sua conversão, pelo menos. Como vimos, os cristãos donatistas no norte da África parecem ter conhecido isso antes dessa época.

Além disso, de meados ao final do século IV, os líderes da igreja no Império Oriental se preocuparam não em introduzir uma celebração do aniversário de Jesus, mas em adicionar a data de dezembro à sua celebração tradicional em 6 de janeiro.

Há outra maneira de explicar as origens do Natal em 25 de dezembro: por mais estranho que possa parecer, a chave para datar o nascimento de Jesus pode estar na datação da morte de Jesus na Páscoa.

Essa visão foi sugerida pela primeira vez ao mundo moderno pelo estudioso francês Louis Duchesne no início do século 20 e totalmente desenvolvida pelo americano Thomas Talley nos anos mais recentes<sup>13</sup>

Mas eles certamente não foram os primeiros a notar uma conexão entre a data tradicional da morte de Jesus e seu nascimento.

Por volta de 200 EC, Tertuliano de Cartago relatou o cálculo de que o dia 14 de nisã (o dia da crucificação de acordo com o Evangelho de João ) no ano em que Jesus morreu<sup>14</sup> era equivalente a 25 de março no calendário romano (solar)<sup>15</sup>. 25 de março é, naturalmente, nove meses antes de 25 de dezembro; mais tarde, foi reconhecida como a festa da Anunciação (Advento) - a comemoração da concepção de Jesus<sup>16</sup> .

Assim, acreditava-se que Jesus havia sido concebido e crucificado no mesmo dia do ano. Exatamente nove meses depois, Jesus nasceu, em 25 de dezembro<sup>17</sup>.

Segundo o especialista em história da igreja primitiva; Dr Andrew McGowan<sup>18</sup> é Reitor e Presidente da Berkeley Divinity School em Yale e McFaddin Professor de Estudos Anglicanos na Yale Divinity School.

---

<sup>13</sup> Louis Duchesne, *Origines du culte Chrétien* , 5ª ed. (Paris: Thorin et Fontemoing, 1925), pp. 275–279; e Talley, *Origins*

<sup>14</sup> Para mais informações sobre como datar o ano do nascimento de Jesus, veja Leonora Neville, "Origins: Fixing the Millennium," *Archaeology Odyssey* , janeiro / fevereiro de 2000.

<sup>15</sup> Tertuliano, *Adversus Iudaeos* 8.

<sup>16</sup> Existem outros textos relevantes para este elemento de argumento, incluindo Hipólito e o (pseudo-Cipriânico) *De pascha computus* ; ver Talley, *Origins* , pp. 86, 90-91.

<sup>17</sup> Os antigos estavam familiarizados com o período de gestação de 9 meses com base na observância dos ciclos menstruais das mulheres, gravidez e abortos espontâneos.

<sup>18</sup> [https://en.wikipedia.org/wiki/Andrew\\_McGowan](https://en.wikipedia.org/wiki/Andrew_McGowan)

Essa ideia aparece em um tratado cristão anônimo intitulado *On Solstices and Equinoxes*, que parece vir do norte da África do século IV. O tratado afirma: “Portanto, nosso Senhor foi concebido no oitavo dia do kalends de abril do mês de março [25 de março], que é o dia da paixão do Senhor e de sua concepção. Pois naquele dia ele foi concebido no mesmo dia em que sofreu<sup>19</sup>”. Com base nisso, o tratado data o nascimento de Jesus com o solstício de inverno.

Agostinho também estava familiarizado com essa associação. Em *Sobre a Trindade* (c. 399–419), ele escreve: “Pois ele [Jesus] foi concebido como tendo sido concebido no dia 25 de março, dia em que também sofreu; assim, o ventre da Virgem, no qual ele foi concebido, onde nenhum mortal foi gerado, corresponde à nova sepultura em que ele foi sepultado, onde o homem nunca foi colocado, nem antes dele nem depois. Mas ele nasceu, segundo a tradição, no dia 25 de dezembro<sup>20</sup>.”

Também no Oriente, as datas da concepção e da morte de Jesus estavam relacionadas. Mas em vez de trabalhar a partir do dia 14 de nisã no calendário hebraico, os orientais usaram o dia 14 do primeiro mês da primavera (Artemisios) em seu calendário grego local - 6 de abril para nós. 6 de abril é, claro, exatamente nove meses antes de 6 de janeiro - a data oriental do Natal.

No Oriente, também, temos evidências de que abril foi associado à concepção e crucificação de Jesus. O Bispo Epifânio de Salamina escreve que em 6 de abril, “O cordeiro foi encerrado no ventre imaculado da virgem sagrada, aquela que tirou e leva em sacrifício perpétuo os pecados do mundo<sup>21</sup>”.

Ainda hoje, a Igreja Armênia celebra a Anunciação no início de abril (no dia 7, não no dia 6) e o Natal no dia 6 de janeiro<sup>22</sup>.

Assim, temos cristãos em duas partes do mundo calculando o nascimento de Jesus com base no fato de que sua morte e concepção ocorreram no mesmo dia (25 de março ou 6 de abril) e apresentando dois resultados próximos, mas diferentes (25 de dezembro e 6 de janeiro).

Segundo o Dr Andrew McGowan Conectar a concepção de Jesus e a morte dessa maneira certamente parecerá estranho para os leitores modernos, mas reflete os entendimentos antigos e medievais de que toda a salvação está interligada.

Uma das expressões mais pungentes dessa crença é encontrada na arte cristã, onde o pintor expressa a concepção e a redenção no mesmo tempo.

---

<sup>19</sup> De solstitia et aequinoctia conceptionis et nativitatis domini nostri iesu christi et iohannis baptistae

<sup>20</sup> Agostinho, Sermão 202.

<sup>21</sup> . Epiphanius é citado em Talley, *Origins* , p. 98

<sup>22</sup> No Ocidente (e eventualmente em todos os lugares), a celebração da Páscoa foi posteriormente alterada do dia real para o domingo seguinte. A insistência dos cristãos orientais em guardar a Páscoa no real 14º dia causou um grande debate dentro da igreja, com os orientais às vezes chamados de Quartodecimanos, ou “Quatorze”.

McGowan, continua dizendo que a noção de que a criação e a redenção devem ocorrer na mesma época do ano também se reflete na antiga tradição judaica, registrada no Talmud.

O Talmude Babilônico preserva uma disputa entre dois rabinos do início do segundo século a.C; que compartilham dessa visão, mas discordam quanto à data: Rabino Eliezer declara: “Em Nisan o mundo foi criado; em Nisan nasceram os Patriarcas; na Páscoa Isaac nasceu ... e em nisã eles [nossos ancestrais] serão redimidos no futuro. ” (O outro rabino, Josué, data esses mesmos eventos para o mês seguinte, Tishri.)<sup>23</sup>

Assim, as datas do Natal e da Epifania podem muito bem ter resultado da reflexão teológica cristã sobre tais cronologias: Jesus teria sido concebido na mesma data em que morreu e nasceu nove meses depois<sup>24</sup>.

McGowan conclui seu argumento: “No final, ficamos com uma pergunta: Como o dia 25 de dezembro se tornou Natal? Não podemos ter certeza absoluta.

Será mesmo que os elementos do festival que se desenvolveram do século IV até os tempos modernos podem muito bem derivar de tradições pagã?

“No entanto, a data real pode realmente derivar mais do judaísmo - da morte de Jesus na Páscoa e da noção rabínica de que grandes coisas podem ser esperadas, repetidamente, na mesma época do ano - do que do paganismo.

A especialista em cristianismo primitivo Leonora Neville diz que a maioria dos primeiros cristãos eram judeus convertidos, que dependiam do calendário lunar judaico, depois que os gentios foi se convertendo, é que outros grupos usavam o calendário de Júlio Cesar feito em 46 AD.

Então, novamente, nesta noção de ciclos e o retorno da redenção de Deus, podemos talvez também estar tocando em algo que os romanos pagãos que celebraram o Sol Invictus, e muitos outros povos desde então, teriam entendido e reivindicado para si também” (Andrew McGowan publicado na *Bible Revie* , dezembro de 2002).

O Natal<sup>25</sup> começou a ser amplamente celebrado com uma liturgia específica no século IX, mas inicialmente não atingiu a importância litúrgica da Sexta-Feira Santa ou da Páscoa, os outros dois principais feriados cristãos.

As igrejas católicas romanas celebram a primeira missa de Natal à meia-noite, e as igrejas protestantes cada vez mais realizam cultos de Natal à luz de velas na noite de 24 de dezembro.

Um culto especial de “aulas e canções de natal” se entrelaça Canções de Natal com leituras das Escrituras narrando a história da salvação desde a queda no jardim do Éden

---

<sup>23</sup> b. Rosh Hashanah 10b – 11a

<sup>24</sup> Talley, *Origins* , pp. 81-82.

<sup>25</sup> <https://www.britannica.com/topic/Christmas>

até a vinda de Cristo. O serviço, inaugurado por EW Benson<sup>26</sup> e adotado na Universidade de Cambridge, tornou-se amplamente popular.

Dada a importância do Natal como um dos principais dias de festa cristã, a maioria dos países europeus observa, sob a influência cristã, 26 de dezembro como um segundo feriado de Natal.

Esta prática recorda a antiga noção litúrgica cristã de que a celebração do Natal, bem como da Páscoa e do Pentecostes, deve durar toda a semana.

A observância de uma semana como era no início, no entanto, foi sucessivamente reduzida para o dia de Natal e um único feriado adicional em 26 de dezembro.

As igrejas ortodoxas orientais honram o Natal em 25 de dezembro. No entanto, para aqueles que continuam a usar o calendário juliano para suas observâncias litúrgicas, esta data corresponde a 7 de janeiro no calendário gregoriano.

As igrejas da comunhão ortodoxa oriental celebram o Natal de várias maneiras. Por exemplo, na Armênia, o primeiro país a adotar o cristianismo como religião oficial, a igreja usa seu próprio calendário; a Igreja Apostólica Armênia homenageia 6 de janeiro como Natal.

Na Etiópia, onde o cristianismo tem um lar desde o século 4, a Igreja Ortodoxa Etíope de Tewahedo celebra o Natal em 7 de janeiro.

A maioria das igrejas do Patriarcado Ortodoxo Siríaco de Antioquia e Todo o Oriente celebram o Natal em 25 de dezembro; na Igreja da Natividade em Belém.

No entanto, os ortodoxos siríacos celebram o Natal em 6 de janeiro com a Igreja Apostólica Armênia. As congregações da Igreja Copta Ortodoxa de Alexandria seguem a data de 25 de dezembro no calendário juliano, que corresponde a Khiak 29 no antigo calendário copta.

Infelizmente em alguns países, onde o cristianismo, perdeu sua influência, o feriado religioso, se tornou um feriado cultural.

Os costumes natalinos nessas sociedades frequentemente ecoam as tradições ocidentais porque as pessoas foram expostas ao cristianismo como uma religião e um artefato cultural do Ocidente.

## **OS SÍMBOLOS DE NATAL.**

Como as tradições foram adicionando símbolos ao festival de natal.

**O PRESÉPIO:** O Presépio é aquela representação, em escultura, do nascimento de Jesus em uma manjedoura. Essa é uma prática muito comum entre os cristãos e foi criada por São Francisco de Assis, em 1223, durante uma pregação natalina no interior da Itália.

---

<sup>26</sup> <https://www.britannica.com/biography/Edward-White-Benson>

Foi utilizado por São Francisco para facilitar a compreensão daqueles que ouviam sua pregação sobre o nascimento de Jesus. A prática caiu nas graças da população, espalhou-se pela Europa e permanece até hoje.

**O PAPAÍ NOEL:** Acredita-se que a origem cristã do PAPAÍ NOEL remonta a São Nicolau, bispo de Mira que viveu na região da atual Turquia nos séculos III e IV.

Ficou conhecido por ser uma figura extremamente generosa que usou sua herança familiar, para demonstrar o grande amor de Deus, em dar-nos o maior de todos os presentes; então distribuía presentes e ajudava os que necessitavam de dinheiro e de alimentos. Sua generosidade acabou fazendo com que ele ficasse conhecido como amigo das crianças.

Em 1822, o ministro episcopal Clement Clarke Moore escreveu um poema de Natal chamado “Um relato de uma visita de São Nicolau”, mais popularmente conhecido hoje por sua primeira linha: “Era a noite antes do Natal”.

O poema descreve o Papai Noel como um homem alegre que voa de casa em casa em um trenó conduzido por renas para entregar brinquedos.

A versão icônica do Papai Noel como um homem alegre de vermelho com uma barba branca e um saco de brinquedos foi imortalizada em 1881, quando o cartunista político Thomas Nast se baseou no poema de Moore para criar a imagem do Velho São Nicolau que conhecemos hoje

Rudolph, “a rena mais famosa de todas”, foi produto da imaginação de Robert L. May em 1939. O redator escreveu um poema sobre a rena para ajudar a atrair clientes para a loja de departamentos Montgomery Ward.

Ninguém sabe ao certo quando a **ÁRVORE DE NATAL** entrou em cena. É originado na Alemanha<sup>27</sup>. O missionário inglês do século 8, São Bonifácio, Apóstolo da Alemanha, supostamente sustentou o “evergreen” como um símbolo do Cristo eterno. No final do século XVI, as árvores de Natal eram comuns na Alemanha.

Alguns dizem que Lutero cortou o primeiro, levou para casa e enfeitou-o com velas para representar as estrelas. Quando a corte alemã veio para a Inglaterra, a árvore de Natal veio com eles.

Outro registro de arvores de natal foi feito pelo humanista renascentista Sebastian Brant registrou, em *Das Narrenschiff* (1494; *The Ship of Fools* ), o costume de colocar galhos de abetos nas casas.

Embora haja incerteza na origem da tradição da árvore de Natal. Temos menção<sup>28</sup> de abetos (pinheiros); decorados no natal em Estrasburgo em 1605.

---

<sup>27</sup> <https://www.christianity.com/church/church-history/timeline/301-600/the-1st-recorded-celebration-of-christmas-11629658.html>

<sup>28</sup> <https://www.britannica.com/topic/Christmas#ref756912>

O primeiro uso de velas nessas árvores foi registrado por uma duquesa da Silésia em 1611. A coroa do Advento - feita de ramos de abeto, com quatro velas denotando os quatro domingos da época do Advento - é de origem ainda mais recente, especialmente na América do Norte.

O costume, que começou no século 19, mas tinha raízes no século 16, originalmente envolvia uma coroa de abetos com 24 velas (24 dias antes do Natal, a partir de 1º de dezembro), mas o constrangimento de ter tantas velas na coroa reduziu o número a quatro.

Um costume análogo é o CALENDÁRIO DO ADVENTO, que prevê 24 vagas, uma a cada dia a partir de 1º de dezembro.

Segundo a tradição, o calendário foi criado no século 19 por uma dona de casa de Munique que se cansava de ter que responder indefinidamente quando o Natal chegava. Os primeiros calendários comerciais foram impressos na Alemanha em 1851.

A intensa preparação para o Natal que faz parte da comercialização do feriado turvou a tradicional distinção litúrgica entre Advento e Natal, como pode ser visto pela colocação de árvores de Natal nos santuários bem antes de 25 de dezembro.

No final do século 18, a prática de dar presentes aos membros da família tornou-se bem estabelecida. Teologicamente, o dia da festa lembrava aos cristãos o presente de Deus de Jesus à humanidade, mesmo quando a vinda dos Reis Magos, ou Magos, a Belém sugeria que o Natal estava de alguma forma relacionado a dar presentes.

A prática de presentear, que remonta ao século XV, contribuiu para que o Natal fosse uma FESTA SECULAR centrada na família e nos amigos.

Esta foi uma das razões pelas quais alguns puritanos na Velha e na Nova Inglaterra se opuseram à celebração do Natal e por um período proibiram sua observância. A ênfase deles era que o Natal deve ser comemorado todos dos Dias dos Senhor (Domingo).

### **OS REFORMADORES E O NATAL.**

No campo evangélico, os argumentos contra o Natal são ampliados com uma veia histórica. Pretende-se provar que a verdadeira teologia da Reforma Protestante e, principalmente, os reformadores e seus seguidores próximos foram avessos à celebração do Natal.

Argumenta-se que a celebração do Natal fere o "princípio regulador do culto", defendido pela ala reforma da Igreja. Consequentemente, se desejo ser seguidor da Reforma Protestante, tenho que, coerentemente, rejeitar a celebração desta data.

Nessa linha de entendimento, muitos artigos têm sido escritos presumindo uma linha uniforme de pensamento nos teólogos reformados e correntes denominacionais reformadas no que diz respeito à rejeição da comemoração do Natal.

Normalmente, o raciocínio se estende também a outras datas celebradas pela cristandade, como, por exemplo, a Páscoa, que seria igualmente condenável pelo

calendário cristão. Por vezes, a defesa apaixonada deste ponto de vista tem resultado em dissensões e desarmonia nas igrejas.

Diferente do que muitos ensinam os Reformadores não se opuseram a celebração do natal, mas antes orientaram para que fosse celebrado, bem como outras datas.

Será que houve sempre tanta harmonia assim, nas denominações, com relação à rejeição da comemoração do Natal, resultando nessa tradição monolítica? Será que João Calvino e Lutero; para citar um exemplo, realmente se posicionou contra o Natal?

Equivocadamente aqueles que rejeitam a celebração do Natal afirmam que são "coerente com a fé cristã bíblica e reformada, principalmente com a posição histórica encontrada em Lutero, João Calvino e João Knox e outros reformadores. Seria isso verdade?

### **LUTERO E A CELEBRAÇÃO DO NATAL.**

No tumulto teológico que foi a vida de Martinho Lutero, o grande reformador parecia animar-se a cada ano com as grandes festas da igreja, particularmente o Advento e o Natal.

O homem que "inventou" o presbitério protestante também foi sustentado por um senso de humor brilhante e uma vida familiar feliz.

A visitação ao seu lar; era aberta o ano todo no grande mosteiro convertido no extremo leste de Wittenberg, onde Lutero, sua esposa Katie e seus seis filhos viviam, junto com vários alunos que também moravam lá.

Um deles escreveu que, à medida que o Natal se aproximava, Lutero ficava cada vez mais alegre: "Todas as suas palavras, canções e pensamentos diziam respeito à encarnação de nosso Senhor.

Então ele suspirou e disse: 'Oh, pobres pessoas, por sermos tão frios e indiferentes a esta grande alegria que nos foi dada. Pois este é realmente o maior presente, que excede em muito tudo o mais que Deus criou.

No entanto, acreditamos tão vagarosamente, embora os anjos proclamem, preguem e cantem, e sua adorável canção resuma o toda a fé cristã, pois 'Glória a Deus nas alturas' é o próprio cerne da adoração. "

Os escritos de Lutero contêm uma infinidade de referências ao Advento e ao Natal. O seguinte trecho vem de um sermão sobre a Natividade que ele pregou em 1530:

Se Cristo tivesse chegado com trombetas e deitado em um berço de ouro, seu nascimento teria sido um acontecimento esplêndido. Mas não seria um conforto para mim. Ele deveria antes deitar-se no colo de uma pobre donzela e ser considerado de pouca importância aos olhos do mundo. Agora posso ir até ele. Agora ele se revela ao miserável para não dar a impressão de que chega com grande poder, esplendor, sabedoria.....

## CALVINO E KNOX E A CELEBRAÇÃO DO NATAL.

Conforme escreve o teólogo Solano Portela; temos muitas fontes sobre esse assunto. Podemos citar uma fonte primária: se é isso que vai ajudar, aqueles que se opõem ao natal; vamos lá: uma das fontes primárias é uma carta de Calvino ao pastor da cidade de Berna, Jean Haller, de 2 de janeiro de 1551. Nela, Calvino escreveu:

*Priusquam urbem unquam ingrederer, nullae prorsus erant feriae praeter diem Dominicum. Ex quo sum revocatus hoc temperamentum quae sivi, ut Christi natalis celebraretur.*

Para alguns, isso bastaria para resolver a questão. Mas, para o resto de nós, entre os quais me incluo, a versão ao português é necessária. Possivelmente, uma tradução razoável para a nossa língua seria a do reverendo Elias Medeiros:

*"Antes da minha chamada à cidade, eles não tinham nenhuma festa, exceto no dia do Senhor. Desde então, tenho procurado moderação, a fim de que o nascimento de Cristo seja celebrado".*

Outra carta, de março de 1555, para os magistrados (Seigneurs) de Berna, que aderentemente eram contrários à celebração do Natal, diz o seguinte:

*"Quanto ao restante, meus escritos testemunham os meus sentimentos nesses pontos, pois neles declaro que uma igreja não deve ser desprezada ou condenada porque observa mais festivais do que outras. A recente abolição de dias de festas resultou apenas no seguinte: não se passa um ano sem que haja algum tipo de briga e discussão; o povo estava dividido a ponto de desembainharem as suas espadas" (mesma fonte).*

Nesse contexto, Calvino parece indicar que os oficiais que haviam abolido a celebração tinham boas intenções de eliminar a idolatria (vamos nos lembrar da situação histórica), mas, parece igualmente claro que ele indica que, se a definição estivesse em suas mãos, teria agido de forma diferente.

Historicamente, Knox e a Igreja escocesa seguiram a opinião dos oficiais de Genebra; ou seja, em seu contexto histórico de se dissociar de tudo que era proveniente do catolicismo, reforçou a abolição das festividades nas igrejas.

Mas, não esqueçamos que Knox também rejeitou instrumentos musicais, cânticos e várias outras formas de adoração. Então, pergunto: será que o movimento dos reformados contra o Natal está dispostos a seguir Knox em tudo, como parâmetro infalível?

Ocorre que João Calvino é sempre apontado como uma força instigadora e radical na gestão de Genebra. Na realidade, entretanto, ele agiu, em muitos casos, como um pólo de moderação e encaminhamento, mas nem sempre sua opinião prevaleceu.

O governo de Genebra era conciliar e fazer valer a visão da maioria. Por exemplo, o reverendo Hérnisten Maia Pereira da Costa aponta que a persuasão de Calvino era a de

que a Santa Ceia devia ser celebrada semanalmente, enquanto que, nas cidades de Berna e Genebra, a Santa Ceia era celebrada, no máximo, quatro vezes por ano.

João Calvino deu até o que se poderia chamar de "jeitinho reformado" ou de "jogo de cintura". Hérmisten cita: "Calvino procurou atenuar a severidade desses decretos fazendo arranjos para que as datas da comunhão variassem em cada igreja da cidade, provendo, assim, oportunidade para a comunhão mais frequente do povo, que podia comungar em uma igreja vizinha".

Hérmisten aponta, também, que, em Genebra, os magistrados determinaram que a ceia fosse celebrada no Natal, na Páscoa, no Pentecostes e na Festa das Colheitas.

A conclusão óbvia é a citada pelo próprio Hérmisten: "As cinco festas da Igreja Reformada eram: Natal, Sexta-Feira Santa, Páscoa, Assunção e Pentecostes".

A suposta unidade monolítica e histórica dos reformados sobre esta questão das celebrações de festividades do chamado "calendário cristão" é mais um mito do que verdade. Ousaríamos rotular o Sínodo de Dordrecht (Dordt) de "não reformado"? Pois bem, em 1578, temos a seguinte decisão:

*"Considerando que outros dias festivos são observados pela autoridade do governo, como o Natal e o dia seguinte, o dia seguinte à Páscoa e o dia seguinte ao Pentecostes, e, em alguns lugares, o dia de Ano Novo e o dia da Ascensão, os ministros deverão empregar toda e qualquer diligência, a fim de prepararem sermões nos quais eles, especificamente, ensinarão para a congregação as questões relacionadas com o nascimento e ressurreição de Cristo, o envio do Espírito Santo e outros artigos de fé direcionados a impedir a ociosidade".*

Assim, as igrejas reformadas procedentes do ramo holandês comemoraram várias dessas datas até em dose dupla (incluindo o dia seguinte). Augustus Nicodemus mencionou não somente este trecho, mas adicionou a admissão dessa visão na Confissão de Fé de Westminster (Cap. 21) e na Confissão Helvética (XXIV).

Igualmente, outro ícone reformado também não vê problemas na celebração do Natal. Estamos falando de Turretin (1623-1687). Ou seja, a rejeição do Natal, atualmente "ressuscitada", não tem o respaldo histórico-teológico que pretende ter.

## **AS ESCRITURAS ACIMA DE TUDO**

Obviamente, todos esses referenciais históricos são importantes, mas o que firma a nossa convicção<sup>29</sup> é a Palavra de Deus, a Bíblia.

Em suas páginas, aprendo que a questão das origens não determina a propriedade de uma coisa ou situação, mas, sim, a atitude de fé do interessado. Isso pode ser extraído de um estudo do texto de 1Coríntios 8.1-13; ou, então, examinando como os artefatos e itens preciosos (surrupiadados pelos israelitas dos egípcios imediatamente antes do

---

<sup>29</sup> Por Solano Portela. Presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil em Santo Amaro (SP) e mestre pelo Biblical Theological Seminary

Êxodo - muitos dos quais, com certeza usados em cultos e festividades pagãs) foram utilizados em consagração total e sem restrições no Tabernáculo (Êx 35 - 39).

Das Escrituras, posso inferir, que Jesus, possivelmente, tenha participado de celebrações de festividades que não procediam das determinações explícitas da lei Mosaica, antes, refletiam ocorrências históricas importantes na vida do povo de Deus - como, por exemplo as festas<sup>30</sup> de purim e hanucah , deixando implícita a propriedade dessas celebrações como algo que provém "de fé", não sendo, portanto, pecado.

Os textos de Romanos 14 e 15 trazem considerações sobre tais questões, demonstrando a necessidade da consciência pura, ao lado da preocupação com os irmãos na fé, para que procuremos "as coisas que servem para a paz e as que contribuem para a edificação mútua".

Nesse texto, lemos, igualmente: "Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias; cada um esteja inteiramente convicto em sua própria mente" (14.5). Se Deus decidiu não disciplinar condenatoriamente a questão, por que devemos fazer isso?!

Um feliz Natal a todos aqueles que são filhos da reforma protestante!

Acréscimos adaptados ao artigo original do Presbítero Solano:

Por exemplo, a Segunda Confissão Helvética de 1566 declara (XXIV): “Ademais, se na liberdade cristã, as igrejas celebram de modo religioso a lembrança do nascimento do Senhor, a circuncisão, a paixão, a ressurreição e Sua ascensão ao céu, bem como o envio do Espírito Santo sobre os discípulos, damos-lhes plena aprovação”.

A velha Igreja Reformada Holandesa, no famoso Sínodo de Dort (1618-1619), adotou uma ordem para a igreja que incluía a observância de vários dias do calendário cristão (art. 67)

T.H.L. Parker (em Calvin’s Preaching [Louisville, Ky.: Westminster, John Knox Press, 1992], pp. 160–62) organizou evidências de registros existentes para mostrar que nos anos 1549, 1550 e 1553 Calvino “quebrou” a série de sermões que ele estava então pregando e pregou mensagens especificamente sobre o nascimento de Cristo, sobre Sua morte e ressurreição, e sobre o Pentecoste nos tempos “apropriados”.

Acredita-se<sup>31</sup> também que o ponto de partida para comemorar o Natal em 25 de dezembro foi uma determinação do papa Júlio I, em 350. Inclusive, o primeiro registro

---

<sup>30</sup> Possivelmente, a festividade relatada em João 5, relacionada com os incidentes narrados no livro de Ester. Também grafado Chanukah, festividade originada na época dos Macabeus, em celebração ao livramento físico do povo judeu. Jesus estava em Jerusalém na época da celebração (Jo 10.23-30).

<sup>31</sup> <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/dia-natal.htm#:~:text=Essa%20%C3%A9%20uma%20pr%C3%A1tica%20muito,sobre%20o%20nascimento%20de%20Jesus.>

escrito a respeito do Natal, enquanto festividade no dia 25 de dezembro, remonta a 354, em um calendário produzido por Fúrio Dionísio Filócalo.

Ao longo dos anos foram agregados, presépio, árvore natalina, luzes, trenós, renas, e trocas de presentes, banquetes. Essa embalagem, embora, tão atraente, esconde em vez de revelar o verdadeiro Natal. Encantar-se com a embalagem e dispensar o conteúdo que ela pretende apresentar é um lamentável equívoco<sup>32</sup>.

### **O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO NATAL.**

Embora não haja nada de errado, com essas celebrações, enfeites, e banquetes, presentes, mas em tudo isso, não podemos deixar de falar do verdadeiro significado do natal.

O Natal de Jesus Cristo foi celebrado com grande entusiasmo em Belém. O anjo de Deus apareceu aos pastores e disse-lhes: “Não temais, eis que vos trago boa nova de grande alegria, que será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2.11).

Natal é a boa nova do nascimento de Jesus. É o cumprimento de um plano traçado na eternidade. É a consumação da mensagem dos profetas.

É a realização da expectativa do povo de Deus. Natal é a encarnação do Verbo de Deus. É Deus vestindo pele humana. Natal é Deus se fazendo homem e o eterno entrando no tempo.

Natal é Jesus sendo apresentado como o Salvador do mundo, o Messias prometido, o Senhor soberano do universo. Quando essa mensagem foi proclamada, os céus se cobriram de anjos, que cantaram:

*“Glórias a Deus nas maiores alturas e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem” (Lc 2.14).*

O verdadeiro Natal traz glória a Deus no céu e paz na terra entre os homens. Natal é boa nova de grande alegria para todo o povo. O verdadeiro Natal foi celebrado com efusiva alegria no céu e na terra. Portanto, prossigamos em celebrar o nascimento do nosso glorioso Salvador!

## **II. O NATAL EM DIFERENTES LUGARES DO MUNDO<sup>33</sup>**

O Natal é um feriado celebrado por cristãos há muitos anos. É considerado o mais importante de nossa religião, porque nele comemora-se o nascimento de Jesus.

Independente de religião, o Natal criou ao longo dos anos um significado próprio de união; gratidão e harmonia, e muitos países do mundo têm o costume de celebrá-lo.

---

<sup>32</sup> <https://hernandesdiaslopes.com.br/e-legitima-a-comemoracao-do-natal/>  
<sup>33</sup> <http://redacao.mackenzie.br/como-e-celebrado-o-natal-em-diferentes-lugares-do-mundo/>

No Brasil, nos reunimos na noite do dia 24 para ceiar à meia noite e temos como tradição fazer brincadeiras como “amigo-secreto” entre familiares e amigos.

No entanto, em outros países, apesar de haver muitas semelhanças com o nosso Natal, também existem tradições bastante inusitadas para nós.

### **Alemanha**

Na Alemanha o Natal é bastante esperado e há até uma contagem regressiva que começa um mês antes do dia 25 de dezembro. Essa época de espera para o Natal é chamada de Advento.

Assim como nossas guirlandas natalinas, existe a coroa do Advento, a qual possui quatro velas para serem acendidas uma em cada domingo.

Para as crianças existe o CALENDÁRIO DO ADVENTO, começando no dia 1º de dezembro. Nele existem 24 “janelinhas”, uma pra ser aberta a cada dia. Nessas janelinhas podem ter imagens, guloseimas, tarefas ou presentinhos. Existem versões para serem compradas em lojas alemãs ou o calendário pode ser confeccionado à mão.

A ceia do dia 24 lá, diferentemente da nossa, é mais simples e no almoço do dia 25 é quando os Alemães preparam inúmeros pratos elaborados e fartos. O Natal Alemão é tão esperado e comemorado que lá até dia 26 é feriado também.

### **Japão**

Diferentemente da Alemanha, o Natal no Japão não é muito celebrado porque a maioria da população japonesa não é cristã. Lá não é nem feriado no dia 25 e o comércio funciona normalmente.

No entanto, os japoneses que comemoram o Natal têm a tradição de fazer uma ceia na noite do dia 25. Nela o prato principal é o frango assado.

Nas escolas há troca de presente entre as crianças na forma de uma brincadeira bastante interessante um pouco parecida com a nossa “batata quente”: os presentes vão rodando de mão em mão enquanto uma música é tocada. Ao final da música, cada criança fica com o presente que estiver em sua mão.

Uma curiosidade legal também é que no ano novo japonês as crianças também são presenteadas: o otoshidama é um envelope com dinheiro dado pelos adultos para as crianças no dia do ano novo.

### **África do Sul**

O Natal na África do Sul é bem parecido com o nosso, inclusive o clima quente, porque lá também é verão nessa época!

É feriado; famílias têm o costume de viajar juntas; há bastante decoração em todo lugar e a ceia é farta assim como a nossa.

Apesar de semelhante à nossa em relação à fartura, a ceia sul africana possui alguns pratos curiosos como o Turducken que é composto por um frango inteiro recheado que recheia um pato e estes recheiam um peru, sim, é isso mesmo que você leu: três em um! Algumas famílias também optam por fazer, ao invés do tradicional almoço, o Braai (um tipo de churrasco sul-africano).

Uma das poucas diferenças na celebração desta data, é que lá não se comemora no dia 24, e sim somente no dia 25, com uma missa durante o período da manhã e um almoço depois.

Não podemos deixar de mencionar também o “christmas cracker”, um pequeno pacote de presente que para abrir a pessoa precisa torcer a embalagem e dentro há uma surpresa. Existem inúmeros tipos de christmas cracker com presentes variados: dos mais simples e mais baratos aos mais elaborados e caros.

Apesar de muito diferentes e distantes, todos esses países têm suas tradições natalinas, algumas mais fortes e outras menos, mas todas com o propósito de união e celebração!

### **Índia.**

Em algumas partes de Índia, a árvore de Natal perene é substituída pela árvore de manga ou bambu, e as casas são decoradas com folhas de manga e estrelas de papel. O Natal continua sendo um feriado cristão e, de outra forma, não é amplamente observado.

### **Cuba.**

No início da década de 1960, o governo comunista perseguiu e destruiu tudo aquilo que lembrava o cristianismo. Então proibiu e removeu a celebração do Natal do calendário. E promoveu o ateísmo materialista como base do Estado e do sistema educacional.

E você? Como costuma celebrar o Natal? Vamos celebrar o verdadeiro Natal, com seu verdadeiro significado, mas considerando com cuidados as boas tradições, que podem apontar para Cristo e trazer glória a Deus.

Pesquisa feita por: Jairo Carvalho – Pastor e professor bíblico.

### **Notas**

<https://www.britannica.com/topic/Christmas>

DICKENS, Charles. Um conto de Natal. São Paulo: Rideel, 2003, p. 32.

Dr. Seuss. Como Grinch roubou o Natal. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000, p. 64.

Mateus 2.1-18. Herodes, conhecido como "o Grande" e "rei dos judeus", nasceu em 73 a.C. Filho de Antipater II, era da região chamada Indumeia, sendo indicado pelo imperador romano, Júlio César, como "governador da Judeia".

Selected Works of John Calvin: Tracts and Letters. Editadas por Jules Bonnet, traduzida para o inglês por David Constable; Grand Rapids: Baker Book House, 1983, p. 454; reprodução de Letters of John Calvin (Philadelphia: Presbyterian Board of Publication, 1858).

MAXWELL, William D. Maxwell. El culto cristiano: sua evolución y sus formas, p. 140-1.

CALVIN, John. To the Seigneurs of Berne. John Calvin Collection, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), nº 395, p. 163.

BAIRD, Charles W. A liturgia reformada: ensaio histórico, p. 28.

Turretin admite as celebrações de dias especiais pelas igrejas, desde que não sejam impostas por elas como matéria de fé ou consideradas mais santas do que as demais. Referindo-se à censura de igrejas que escolheram não celebrar o Natal e outras datas, escreve: "Não podemos aprovar o julgamento rígido daqueles que acusam essas igrejas de idolatria". In: Institutes of Elenctic Theology. Philipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1994, vol. 2, p. 100.

#### Bibliografia:

"Natal." Encyclopedia Americana. Chicago: Americana Corp., 1956.

"Natal." Encyclopedia Britannica. 1967.

"Natal", "Dionísio Exíguo" e "Calendário Filocaliano". Cross, FL e Livingstone, EA O Dicionário Oxford da Igreja Cristã. Oxford, 1997.

Hutchinson, Ruth e Adams, Ruth. Todo dia é um feriado. Nova York: Harper, 1951.

Almanaque do Povo. Editado por David Wallechinsky e Irving Wallace. Garden City, NY: Doubleday, 1975.

Veith, Gene Edward. "Por que 25 de dezembro?" World (10 de dezembro de 2005) p.32.

Tighe, William J. "Calculating Christmas". Touchstone, dezembro de 2003. <http://www.touchstonemag.com/docs/issues/16.10docs/16-10pg12.html>

Leonora Neville: Neville é professora assistente de história e diretora associada do Centro para o Estudo do Cristianismo Primitivo da Universidade Católica da América em Washington DC. Ela é autora de Autoridade na Sociedade Provincial Bizantina: 950-1100 (Cambridge University Press, 2004).

Ela comenta: A maioria de nós já está familiarizada com a Era Comum (CE) como uma versão secular do sistema cronológico Anno Domini (AD), que data os eventos de acordo com o "Ano de Nosso Senhor", ou o nascimento de Jesus.

Mas quando exatamente as pessoas começaram a namorar coisas da época de Cristo? Obviamente, quando Jesus nasceu, ninguém tinha um calendário dizendo que era o ano 0. Herodes não tinha como saber que ele assumiu o poder no ano 37 aC.

Na verdade, foi só centenas de anos depois da época de Jesus que alguém tentou contar os anos que se passaram desde seu nascimento.

A maioria dos primeiros cristãos eram judeus convertidos, que dependiam do calendário lunar judaico; mas, à medida que o cristianismo se espalhou para outros grupos, a maioria das pessoas continuou a usar o calendário romano introduzido por Júlio César em 46 aC (antes da era comum).

Criado com a ajuda do grande astrônomo alexandrino Sosigenes, o calendário "Juliano" de César estabeleceu formalmente um ano solar medindo 12 meses ou 365 1/4 dias. (O trimestre foi feito em um dia extra a cada quatro anos ou "bissexto")